

Educação corre contra o atraso e a omissão

Moura Castro acha milagre País ter atingido atual grau de desenvolvimento com ensino básico tão ruim

WASHINGTON — Para Cláudio de Moura Castro, o verdadeiro milagre brasileiro foi o País ter atingido o nível de desenvolvimento econômico a que chegou com uma educação primária e secundária tão ruins. Analista rigoroso das distorções do sistema de ensino no Brasil, esse economista carioca de 57 anos já lecionou em universidades brasileiras, européias e americanas e comandou um centro de pesquisa e formação profissional na Organização Internacional do Trabalho, em Genebra.

Em Washington desde 1992, ele trabalhou primeiro no Banco Mundial e, desde o ano passado, chefia a Divisão de Programas Sociais do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Autor de 25 livros e numerosas monografias sobre educação, ele acredita que o maior problema da educação brasileira, o ensino fundamental, finalmente está sendo atacado, como revelou a Paulo Sotero, nesta entrevista ao *Estado*.

Estado — Os problemas da educação básica no Brasil estão mais do que diagnosticados. O senhor vê hoje razões para ter mais esperança de que eles comecem a ser atacados?

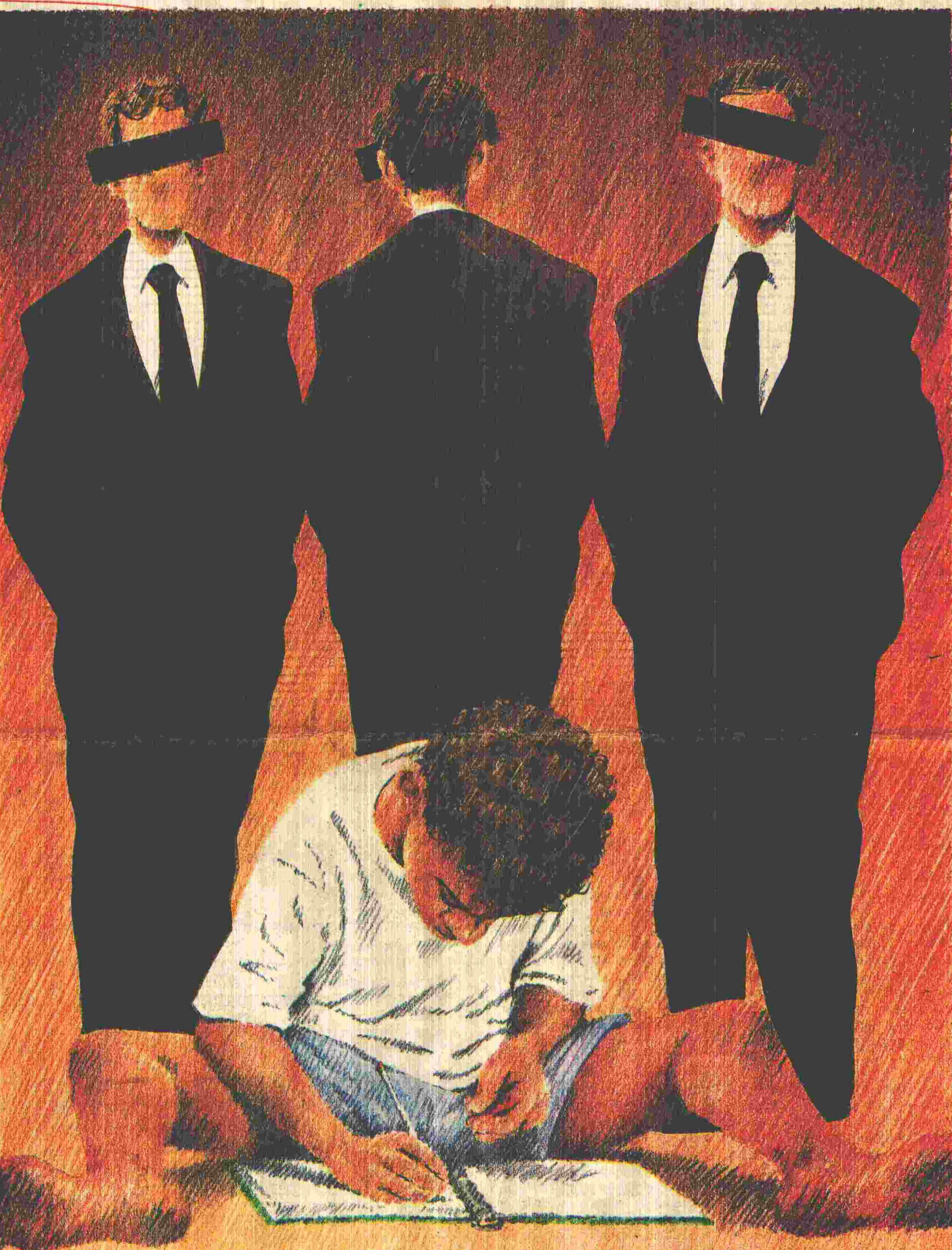
Cláudio Moura Castro — Há um aumento da impaciência do brasileiro com relação à má qualidade do ensino de primeiro grau. Isso é positivo, pois até agora o Brasil aceitava com passividade total e com omissão enorme da sociedade a falta de qualidade do ensino básico, que é a questão fundamental da educação brasileira. O brasileiro está vigiando um pouco mais a educação. E o resultado é que já começam a pipocar uma porção de iniciativas e pressões em vários níveis. Esse é o lado bom da impaciência.

Estado — Há um lado mau?

Moura Castro — Sim, se a impaciência levar a querer consertar depressa. Os problemas da educação não são de conserto rápido. Não é processo de remendar. É um processo de uma organização muito complexa, muito densa, no qual são as infinitas pequenas falhas do cotidiano que se somam num problema colossal. Quanto mais o sistema se aperfeiçoa, quanto mais se eliminam os problemas maiores, como o professor que não vai à escola, a aula que não acontece, mais complicado se torna o próximo passo. O grande avanço que estamos vendo hoje no MEC é que não se está mais operando em regime revolucionário na área de educação. Não há mais nem a omissão e ausência nem a correria para tentar resolver tudo do dia para a noite, de afogadilho. O MEC está buscando soluções mais estruturadas, mais duradouras, que requerem em muitos casos mudanças de leis, o que torna as coisas mais complicadas.

Estado — O que precisa ser feito e o que está sendo feito, começando pela educação básica?

Moura Castro — A questão essencial é ter a persistência e a paciência necessários para fazer as mudanças. Um pouco mais de recursos ajudaria. Mas só um pouco, não muito. Jogar uma dinheirama no ensino do dia para a noite não vai resolver nada. O que precisamos é acelerar lentamente os gastos com educação, por um longo período. O que é preciso é fôlego, para manter esse processo de melhoria do ensino de primeiro grau, que já está acontecendo. Já há luz no fim do túnel. O ponto de inflexão do drama da educação básica no Brasil ficou para trás. Já estamos claramente caminhando morro acima. Se alguns não vêem isso é porque o que está acontecendo não é o brilhareco, não é a campanha de emergência, não é o Mobral, que dão ibope por uns tempos mas não produzem resultados. O que está acontecendo é a reforma real, na sala de



(Sobre foto de Rogério Assis)

ILUSTRAÇÃO DE BAPTISTÃO

áreas? Queremos um segundo grau prático ou profissionalizante? São duas coisas completamente diferentes e sem entender as diferenças não iremos a lugar algum. Como faríamos um segundo grau profissionalizante? Qual é um bom currículo para o fim do século 20? Com que quantidade de matérias? Essa questão não está colocada apenas no Brasil, mas no mundo inteiro.

Estado — É possível retomar o padrão de qualidade do ensino público secundário que existiu no Brasil 30 anos atrás?

Moura Castro — Se não for possível, o futuro do Brasil como nação industrializada é muito precário. Hoje o secundário é cultura geral para todo mundo. No mundo em desenvolvimento, não há país que conseguiu progredir um pouco mais que não esteja a caminho de universalizar o segundo grau. Dada a crescente complexidade tecnológica das ocupações, ou bem o Brasil resolve esse problema, ou está muito mal de vida.

Estado — E o ensino superior. O que tem de errado?

Moura Castro — Existem regras ruins no sistema de ensino superior brasileiro. Grande parte do que precisa mudar no ensino universitário não tem de mudar no MEC porque o MEC tem de ter um papel de liderança. Mas as mudanças devem acontecer na legislação, seja do lado do orçamento, da maneira como as coisas são financiadas, seja do lado da administração acadêmica. O sistema de sinalização do ensino universitário no Brasil é todo perverso. Se um pesquisador de uma universidade brasileira ganhar o Prêmio Nobel de física, ele não receberá nenhum tipo de vantagem, de incentivo, do sistema universitário. Da mesma forma, se o professor não fizer nada, se der um mau curso e não fizer pesquisa, não precisa se preocupar pois não sofrerá sanção. O mesmo acontece no nível das administrações universitárias. As leis e regulamentos não permitem premiar os administradores que trabalham bem e punir os que trabalham mau. Há, além disso, as distorções criadas pelo lado do mercado, com a criação de reservas de mercado para profissões, que retiram os incentivos à qualidade. Isso é um reflexo do corporativismo. É uma herança medieval. Por isso, é preciso mudar as regras do jogo.

Estado — Embora reconheça a perversão social das universidades públicas no Brasil, onde os melhores cursos acabam reservados aos filhos dos mais ricos, que podem pagar escola particular e cursinho, o governo decidiu não abrir a discussão sobre a privatização do ensino superior. Está certo?

Moura Castro — Eu acho que sim. A falta de equidade do sistema é grande, mas não está no ensino superior. Está na falta de qualidade do ensino de primeiro e segundo grau. Esse é o grande obstáculo. Numa agenda de prioridades, é melhor concertar as regras do ensino superior e introduzir mecanismos de incentivo e punição do que se meter numa briga por conta do ensino pago.

Agenda 96

aula, dentro da escola, nos municípios pequenos e médios, nas secretarias estaduais.

Estado — O que, exatamente, está acontecendo?

Moura Castro — Mais consciência das necessidades, mais cuidado e capricho no trabalho. São pequenas coisas, mas coisas significativas. Quando você tem pequenas cidades em Minas Gerais com placas na entrada anunciando "no nosso município todas as crianças de 7 a 14

anos estão nas escolas", está diante de um sinal de um processo de mudança de mentalidade que leva os habitantes de um lugar a orgulhar-se de sua escola e a transformá-la em cartão de visita. Mas será uma revolução lenta, devagarzinho, de tijolo sobre tijolo, sem grandes discursos e brilhos.

Estado — Onde, no Brasil, as mudanças estão dando mais resultados?

Moura Castro — Nos Estados que fizeram mais esforços para melhorar sua educação. Isso já dá

para medir em estudos sobre nível de aprendizado. Nos últimos dez anos, Paraná, São Paulo e Minas foram os Estados que mais cuidaram da educação. Hoje eles lideram a União em matéria de qualidade na educação. Isso não é coincidência. Que São Paulo lidere, não é surpresa, porque São Paulo é locomotiva. Mas a educação em Minas não era nenhuma maravilha até alguns anos atrás. Nem no Paraná.

Estado — Quando é que os resultados dessa revolução silenciosa começarão a aparecer?

Moura Castro — Num país como o Brasil, onde a educação de primeiro grau foi tão abandonada, e onde se deixaram de fazer coisas tão elementares para uma nação do nível de desenvolvimento econômico co-

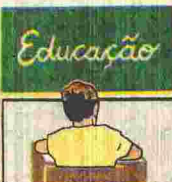
mo o nosso, o mero fato de eliminar essas pequenas deficiências tão gritantes e tão flagrantes dá resultados imediatos.

Estado — Há mudanças importantes em curso no segundo grau?

Moura Castro — Vamos fazer o contraste. No ensino de primeiro grau, todo mundo sabe o que é preciso fazer para melhorar. É implementar a escola do fim do século 19 para valer, ou seja, ensinar a criança a ler, escrever, fazer conta, usar a cabeça e socializar no processo de operar numa organização formal. No segundo grau, temos um grande número de problemas conceituais sérios não resolvidos, alguns deles com repercussões ideológicas. Devemos ter um segundo grau para todo mundo ou vários segundos graus para diferentes

Do ensino básico ao curso superior

Com um debate sobre os rumos da educação no Brasil, o Estado encerra a série Agenda 96. O educador Cláudio Moura Castro, o ministro Paulo Renato Souza, o senador Darcy Ribeiro, os reitores da USP, Flávio Fava de Moraes, e da Unesp, Arthur Roquette de Macedo, o vice-diretor da Fuvest, José Atilio Vainin, entre outros, pregam o reforço do ensino básico e defendem a autonomia da universidade e sua aproximação maior com a sociedade.



QUESTÃO É MAIS DE "FÔLEGUE" QUE DE DINHEIRO